

**Comunicação de Davide Prosperi,
presidente interino da Fraternidade de Comunhão e Libertação,
ao Movimento de Comunhão e Libertação
por videoconferência de Milão, 29 de novembro de 2021**

Cantos:

- *Canzone dell'ideale (Parsifal)*
- *La strada*

Boa noite a todos. Em primeiro lugar, obrigado por estarem presentes esta noite, mesmo tendo sido avisados com pouca antecedência. Agradeço-vos também pela paciência com que aguardaram um esclarecimento sobre as perspectivas da condução do nosso Movimento, depois de termos recebido a notícia da demissão do padre Julián.

Garanto-vos que este meu obrigado a cada um de vocês não é uma formalidade. Estou profundamente convencido de que a atitude respeitosa, cheia de olhar positivo e esperançoso que vi em muitos de vocês nestas semanas, é um fruto precioso da educação à fé que recebemos nesta companhia.

Cantámos «É bela a estrada para quem caminha...» (C. Chieffo, “La strada”, in *Cancioneiro*, 2017, p. 295). Prossigamos, portanto, o nosso caminho sem nos determos: a estrada é bela e segura, não precisamos de temer nada porque, diz o Senhor, «estarei contigo, Eu pus-te uma mão no coração» (C. Chieffo, “Canzone dell'ideale (Parsifal)”, in *Cancioneiro*, op. cit., p. 256). Tive consciência imediata disto pela chuva de mensagens e de cartas que recebi este fim de semana em resposta à carta que vos escrevi no sábado à tarde. Este é já o primeiro testemunho de que estamos em caminho. E de que estamos em caminho juntos. Obrigado, mesmo.

Propus-vos um breve encontro para partilhar as decisões que dizem respeito à vida do Movimento nesta etapa delicada da nossa história.

Quero por isso partilhar convosco o resultado do encontro que tive com o Cardeal Kevin Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, que teve lugar na quinta-feira passada, 25 de novembro, retomando sinteticamente o conteúdo da carta que vos escrevi no sábado.

Em primeiro lugar, o Prefeito confirmou que, em caso de demissão do Presidente, com base no art.º 19º dos Estatutos da nossa Fraternidade, o Vice-presidente assume o seu lugar de pleno direito. Assim, o Cardeal reconheceu-me como Presidente com plenos poderes, especificando que se trata de um mandato interino, que se concluirá quando tiver lugar a eleição do novo Presidente da Fraternidade, que deverá acontecer respeitando o Decreto Geral emitido pelo Dicastério no dia 11 de junho de 2021. O Prefeito também especificou que, em cumprimento deste Decreto, que entrou em vigor a 11 de setembro, a Diaconia Central, com a sua composição atual, não pode proceder à eleição de um novo presidente, e acrescentou que essa eleição não poderá acontecer razoavelmente sem que se tenham passado pelo menos doze meses desde a data de início das minhas funções. Este tempo será necessário para preparar as novas eleições, conforme os passos que vou agora descrever brevemente.

Como vos escrevi, o primeiro ato desta preparação consistirá na aprovação de novos Estatutos. O processo de revisão terá de prever também consultas internas à Fraternidade. A finalidade destas consultas é fazer com que as novas normas reflitam o mais adequadamente possível a originalidade do nosso carisma e, portanto, a identidade específica da Fraternidade de CL no seio da Igreja.

Com este propósito, vou nomear em breve uma Comissão, que terá funções consultivas junto da Diaconia Central da Fraternidade. Darei a conhecer a sua composição assim que possível. Quem o desejar poderá, então, oferecer o seu contributo à Comissão. O texto dos Estatutos da Fraternidade atualmente em vigor está disponível no site reservado aos inscritos.

Durante o nosso diálogo, manifestei ao Prefeito o nosso desejo de levar adiante este trabalho em estreita colaboração com o Dicastério, verificando periodicamente o estado de elaboração do

documento que será submetido à aprovação final. O Cardeal Farrel, que se mostrou muito acolhedor e cordial, confirmou paternalmente a sua disponibilidade para nos acompanhar neste trabalho, também através dos seus colaboradores.

Terminado este processo, estaremos em condições, no seu devido tempo, de realizar a eleição dos responsáveis locais e regionais, formar uma nova Diaconia e, por fim, designar um novo Presidente da Fraternidade. Permito-me dizer que o que temos pela frente é para nós uma experiência praticamente nova. Portanto, vamos precisar do tempo necessário para nos familiarizarmos adequadamente com os instrumentos jurídicos que vão ser preparados pela Diaconia. Para nos prepararmos, é preciso tomarmos consciência do significado que a Igreja dá ao direito na experiência da comunhão. Sabemos bem que não é do direito que nasce a vida e que não basta fixar-nos nos mecanismos eleitorais para cultivarmos a continuidade e a vitalidade do Movimento. Contudo, não podemos sentir estes aspetos da nossa vida comunitária como irrelevantes ou até contraditórios com a natureza carismática da nossa experiência. *Don* Giussani deu-nos testemunho disso, ao ser o primeiro a querer introduzir o método da eleição nos Estatutos da Fraternidade aprovados pela Santa Sé em 1982. Devemos, por isso, considerá-los cada vez mais pelo que são e servirmo-nos deles como instrumentos de proteção da liberdade e de valorização da nossa experiência de Fraternidade. É mais um passo de maturidade o que a Igreja nos pede: vivamo-lo como ocasião de crescimento daquilo a que Carrón chamou a nossa «autoconsciência eclesial» (J. Carrón, «Carta de demissão», 15 de novembro de 2021, *clonline.org*).

Se cada um de nós estiver disponível para percorrer este caminho, poderemos chegar ao momento das eleições de forma consciente e serena, num confronto fraterno entre nós sobre as questões fundamentais que dizem respeito à vida da nossa Fraternidade.

Concluo assim esta introdução, que não podia deixar de fazer, na qual tentei expor-vos da forma mais simples e precisa possível o lado mais técnico dos requisitos que a Igreja nos exige neste momento. A minha conversa com o Prefeito não se limitou, contudo, a estes temas. Tive aliás, oportunidade de partilhar com ele os aspetos relevantes da vida do Movimento, alguns dos quais não conhecia. Foi um encontro cordial e sincero, no qual o Cardeal manifestou diversas vezes a sua estima pessoal pelo nosso movimento, bem como a do Santo Padre.

O Prefeito concluiu o encontro convidando-me a não considerar este período como se se tratasse de um parêntesis e recomendando-me que a vida da Fraternidade e as suas atividades não fossem suspensas, a fim de garantir a todos nós uma clara proposta educativa. Como prometido na carta, quero agora apresentar-vos as considerações que julgo mais importantes neste momento.

Agradecimento a Julián Carrón

Antes de qualquer outra consideração, gostaria de expressar toda a minha gratidão a Julián Carrón. A sua última carta foi para mim um gesto de verdade oferecido à nossa liberdade, para nos estimular a assumirmos «na primeira pessoa a responsabilidade do carisma» (J. Carrón, “Carta de demissão”, *op.cit.*). Nestes anos, tive o privilégio de trabalhar em contacto estreito com ele, participando de centenas de reuniões e de encontros com ele ou em seu lugar, visitando comunidades em todo o mundo, oferecendo-lhe o meu contributo para ajuizar as situações e as problemáticas que tivemos de enfrentar. Atravessámos juntos as fases mais críticas da nossa história recente e ajudámo-nos a fazê-lo, juntamente com os outros responsáveis.

O Julián trabalhou nestes anos com paixão para nos oferecer constantemente uma palavra que nos ajudasse a enfrentar os desafios da época em que vivemos. Falando ao Movimento e vivendo-o connosco, incansavelmente chamou a nossa atenção para o acontecimento que juntou os nossos caminhos: o encontro com Cristo vivo, aqui e agora, possibilitado pelo fascínio da pessoa de *don* Giussani, pai e mestre, cuja santidade esperamos que a Igreja possa reconhecer rapidamente. De forma igualmente incansável, o Julián conduziu-nos a realizar um trabalho sobre nós mesmos, procurando favorecer para cada um de nós um itinerário de amadurecimento da nossa fé, que somos chamados cada vez mais a entender como adesão livre e convicta a Cristo e à Igreja.

Por tudo isto, juntamente convosco e também em vosso nome, quero agradecer-lhe.

Um chamamento à responsabilidade

Passo agora à parte central da minha intervenção, que articulo em dois pontos. Intitulei-os assim: *Um chamamento à responsabilidade e A comunhão como critério da condução*.

A frase central da carta com que Julián nos comunicou a sua demissão diz respeito a cada um de nós. «Isto», sustenta o Julián depois de ter revelado o motivo da sua decisão, «levará cada um a assumir na primeira pessoa a responsabilidade do carisma» (J. Carrón, «Carta de demissão», op. cit.).

É muito importante que façamos nosso este convite diante de Deus, que suscitou na Sua Igreja a pessoa de *don* Giussani, e diante da Igreja, à qual é confiado, em última instância, qualquer dom carismático e do qual ela é garante. Sei que estão conscientes disto, até porque muitos de vocês me pediram para ser ajudados a aprofundar o significado desta frase do Julián.

Neste espírito, gostaria de especificar três modalidades de viver a responsabilidade pessoal que nos é exigida, para contribuir concretamente para esta importante etapa.

Em primeiro lugar, cada um de nós é responsável por si próprio e pela sua fidelidade pessoal ao dom recebido. Estudámo-lo na Escola de Comunidade, aprofundando o convite inequívoco de *don* Giussani: «Cada um tem responsabilidade pelo carisma encontrado. Cada um é causa de declínio ou de crescimento do carisma, é terreno em que o carisma se desperdiça ou dá frutos. A tomada de consciência da responsabilidade por todos é muito séria enquanto urgência, enquanto lealdade e fidelidade. Obscurecer ou diminuir esta responsabilidade significa obscurecer e diminuir uma intensidade de incidência que a história do nosso carisma tem sobre a Igreja de Deus e sobre a sociedade» (Gerar Rasto na história do mundo, Paulus, Apelação, 2019, p. 123). Assim, cada um de nós é chamado, acima de tudo, a intensificar o seu compromisso de adesão a Cristo na vida quotidiana. Podemos fazê-lo continuando a levar a sério a proposta educativa que o Movimento nos faz em todas as suas dimensões. Em particular, sublinho o trabalho sobre os textos da Escola de Comunidade; o contributo à vida da comunidade à qual pertencemos, a partir do próprio grupo de Fraternidade; a fidelidade ao fundo comum, como gesto de participação nas necessidades de todo o nosso corpo e como educação para conceber tudo aquilo que possuímos em função da missão da Igreja; e por fim, a caritativa.

Talvez alguém viva com receio e alguma confusão as mudanças que estão a acontecer. Não nos devemos escandalizar com esses sentimentos. Ajudemo-nos a responder à circunstância, ou seja, a usar bem o tempo que nos é dado, dia após dia, para que seja fecunda a graça com que Deus salvou a nossa vida, na letícia e na gratidão por tudo o que recebemos nestes anos.

Em segundo lugar, cada um de nós é responsável pela unidade do Movimento. Quero insistir a fundo neste segundo ponto, que considero ser neste momento o mais decisivo.

O que é que vimos quando encontrámos o Movimento? O que é que nos fascinou neste encontro, a ponto de nos arrancar da nossa indiferença e levar-nos a seguir esta companhia? Foi um anúncio, o anúncio de que a vida, a nossa vida tal como é, tem um significado, um destino bom. Um anúncio que suscitou em nós o pressentimento da verdade. E este anúncio, o anúncio de um significado que traz consigo a certeza de um destino bom, mostrou-se ao nosso coração na forma de uma amizade. Uma amizade cheia de afeição à nossa vida, às necessidades fundamentais da nossa humanidade. Uma amizade que, como *don* Giussani costumava dizer, é «companhia guiada para o Destino» (Gerar rasto na história do mundo, op. cit., p. 78). E nós sabemos que o Destino já não é só a meta final da nossa existência, mas é um Deus que caminha connosco desde já. O Verbo fez-se carne e fez-se companhia, amizade ao homem, a mim, a ti, através da grande companhia da Igreja e do Movimento.

O encontro que nos juntou gerou entre nós uma unidade profundíssima. Por isso nós sentimos a necessidade da estima das pessoas que estão connosco no mesmo caminho. E admiramo-nos quando outra pessoa encontra a mesma história que sentimos como nossa – como aconteceu recentemente com o nosso amigo espanhol Mikel Azurmendi –. Por isso, muitas vezes damos por nós tendo em comum um mesmo modo de julgar as coisas. Por outro lado, é sinal da profundidade do nosso vínculo recíproco também o sofrimento de quem se sente marginalizado ou julgado por outros, como infelizmente sucedeu e ainda sucede entre nós. Que não nos aconteça fazermos o carisma que nos

uniu tornar-se um pretexto para nos dividir. A nossa pertença recíproca é o bem mais precioso que possuímos, pois é nele que todos os outros dons nos são dados e conservados. Temos, pois, a tarefa de a proteger e alimentar, procurando juntos aquela verdade que *don* Giussani nos ensinou a amar mais do que a nós mesmos, ou seja, mais do que ao apego às nossas opiniões e aos nossos projetos.

Acerca disto há um texto que muitos conhecerão, intitulado «O maior sacrifício é dar a vida pela obra de Outro», em que precisamente no início *don* Giussani diz: «Num dos hinos das laudes cantamos: “Ao nosso convívio harmonioso [concorde] junta-se um hóspede novo”. Concorde: só uma unidade de povo é o verdadeiro sujeito protagonista da história. A palavra concórdia tem um valor metafísico, ontológico e um valor ético, moral». E logo em seguida explica: «O valor metafísico e ontológico da nossa concórdia está na profundidade que a nossa unidade assume a partir da grande presença de Cristo, que é a única coisa que sabemos. [...] Nós somos tão agraciados que, quem quer que sejamos ou como quer que estejamos, podemos sincera e ingenuamente repetir que não conhecemos nada além de Cristo. Com efeito, a nossa concórdia não conhece nada além de Cristo. Deste valor ontológico da companhia jorra o seu valor moral: é fruto de uma liberdade. A nossa concórdia é fruto da liberdade» (*L'avvenimento cristiano*, Bur, Milão 2003, p. 65).

Esta palavra é lindíssima: concórdia. Concórdia quer dizer ter um só coração. Nós fomos tornados uma só coisa por Cristo; e só olhando para Ele encontramos a nossa unidade, só afirmando a presença de Cristo como a única coisa a que estamos apegados de verdade. Com efeito, o que temos de mais caro? A nossa responsabilidade pela unidade do Movimento reside antes de mais neste ato de liberdade. Responsabilidade pelo carisma e responsabilidade pela unidade do Movimento estão, assim, intimamente ligadas uma à outra. No mesmo texto Giussani diz: «A essência do nosso carisma pode ser resumida em duas coisas: – em primeiro lugar, o anúncio de que Deus se fez homem (o espanto e o entusiasmo por isto); – em segundo lugar, que este homem está presente num “sinal” de concórdia, de comunhão, de unidade de comunidade, de unidade de povo» (*L'avvenimento cristiano*, op. cit., p. 67).

Evitemos, portanto, o mais possível, as críticas estereis ou as condenações mútuas; quando for necessário falar dos outros, façamo-lo com o respeito que nasce da consciência de que Cristo os escolheu e chamou juntamente conosco. Quanto à responsabilidade específica que me foi confiada a mim, como vos escrevi, desejo ouvir todos e que todos se sintam ouvidos.

Em terceiro lugar, para assumirmos a responsabilidade do carisma, precisamos de cultivar em nós e entre nós uma postura de confiança em relação à Igreja e à sua autoridade. *Don* Giussani ensinou-nos que, através dos homens a quem se confia a condução da Igreja, nós obedecemos ao próprio Deus. A pertença ao Movimento é o modo com que Deus nos chamou a pertencer à Igreja. A obediência é Igreja, mesmo quando implica sofrimento, é, portanto, a única via que conhecemos para sermos realmente fiéis à história particular que encontramos.

Pela minha parte, como referi há pouco, juntamente com os restantes membros da Diaconia, desejo intensificar o diálogo com o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, a fim de dar seguimento às solicitações que o Santo Padre nos fez. Cada um de vocês pode apoiar-nos neste trabalho nas formas que especifiquei no início, mas principalmente alimentando em si mesmo uma atitude de estima pelas pessoas que a Igreja nos indica como referências autorizadas. Também neste caso, convido-vos a evitar entre nós discursos meramente reativos e superficiais que não ajudam ninguém. Não devemos ter medo de que, no confronto com a autoridade da Igreja, a originalidade do nosso rosto fique diminuída.

A comunhão como critério da condução

Quando comuniquei ao Cardeal Farrel a minha disponibilidade em assumir a responsabilidade que me era pedida, estava bem consciente de que o momento que estamos a atravessar é delicado.

Sobre isto quero repetir também esta noite o que vos escrevi no sábado passado. Aceitei o cargo que estou a assumir como ato de obediência ao Santo Padre; e o meu único interesse é servir o Movimento e a vida de cada um de vocês, pelo tempo que me foi designado, tentando, acima de tudo, levar a cabo as medidas que o Dicastério requer.

Mais especificamente, para viver a minha responsabilidade desejo confiar-me à amizade e à colaboração de alguns de vocês, para me ajudarem de modo particular. Penso acima de tudo nos atuais membros da Diaconia Central da Fraternidade. Penso também nas pessoas competentes e com autoridade que, graças a Deus, são numerosas entre nós. Penso, por fim, nas muitas pessoas que estimo e que conheci nestes anos ao visitar muitas comunidades em Itália e fora dela.

Para além disso, desejo também partilhar um olhar unitário com as pessoas que conduzem as outras realidades que fazem referência ao carisma de *don* Giussani – algumas das quais, aliás, também estão representadas na Diaconia da Fraternidade de CL –, valorizando a polifonia das várias expressões da nossa grande companhia. Em particular, os *Memores Domini*, que neste momento são conduzidos – como sabem – por Monsenhor Filippo Santoro na qualidade de Delegado Especial do Papa Francisco; quero trabalhar de acordo com ele e com as pessoas que ele indicar. Refiro-me também à Fraternidade de São José, que se pode dizer que é uma costela da própria Fraternidade de CL e junta muitas pessoas que vivem um testemunho que muitas vezes é tão humilde quanto precioso nas nossas comunidades; penso nas Irmãs de Caridade da Assunção, que familiarmente chamamos “Irmãzinhas” e que vivem uma vocação de proximidade aos que sofrem e aos marginalizados, que desde sempre foi um testemunho para todos nós; penso nos monges beneditinos da Cascinazza, que *don* Giussani sempre olhou como o coração contemplativo do Movimento, pois a sua oração sustenta silenciosamente todo o nosso povo; penso na Fraternidade e nas Missionárias de São Carlos Borromeu, que vivem a sua vocação missionária no sacerdócio e na consagração, anunciando Cristo em todo o mundo segundo o nosso carisma. Por fim, não quero esquecer-me de Vitorchiano, com todas as suas fundações, bem sabendo que esses mosteiros são lugares de referência para muitas pessoas do Movimento e que numerosas são as monjas que amadureceram a sua vocação precisamente nas nossas comunidades.

Em relação a todas estas realidades, vivo, e gostaria que todos vivêssemos, uma estima profunda. Os seus membros encontraram nelas a realização do encontro com o Movimento, no qual foram educados na fé. Respondendo à sua vocação, cada um na sua forma específica, estes nossos amigos dão testemunho de que o sentido da vida é Cristo. Aqueles que, como eu e como a maioria de nós, foram chamados ao matrimónio e vivem as suas responsabilidades familiares, podem encontrar um grande sustento na proximidade das pessoas que se dedicaram a Deus nessas vocações específicas.

Entre estas estão também os sacerdotes, diocesanos ou religiosos, que pertencem à Fraternidade de CL e seguem o Movimento. Todos nós percebemos como é preciosa a sua presença nas nossas comunidades, especialmente numa época em que escasseiam as vocações.

A unidade do Movimento e a missão

Por fim, quero deixar uma palavra conclusiva sobre o chamamento à missão, que está intimamente ligada à nossa unidade de povo.

Nasceram do nosso povo inúmeras obras educativas e de caridade, entidades sem fins lucrativos e de serviço, centros culturais e associações que apoiam a vida das famílias, a atividade profissional de professores, médicos, docentes e investigadores universitários, profissionais, empreendedores e outras categorias, o compromisso social e político de quem a ele se dedica. Em todo este mundo variado, encontra expressão e concretude a nossa dedicação livre e gratuita ao bem comum. Este é o fruto daquilo que se pode considerar o coração pulsante da proposta que nos é feita através do encontro com o Movimento: a educação. Daqui nasce tudo.

O nosso povo é generoso, soube construir lugares em que o eu confuso e ferido dos homens de hoje pode encontrar acolhimento, luz e sustento. Eu sinto a urgência, hoje mais do que nunca, de que todos os recursos possíveis e todas as energias sejam postos ao serviço desta criatividade, que nasce da fé na qual fomos educados. Agradeço por isso, desde já, a todos os que vivem o sacrifício diário que lhes é pedido para que um mundo novo já se possa tornar visível no meio das contradições deste mundo.

Temos à nossa frente uma época de criatividade e de missão. Mãos à obra! Deus chama-nos a viver com liberdade e coragem num mundo que espera o anúncio da Sua presença. E nós responderemos a este chamamento se formos testemunhas credíveis da beleza do que encontrámos.

«A obra da Fraternidade», ensinou-nos *don* Giussani, «é o incremento do Movimento no serviço à Igreja» (*Attraverso la compagnia dei credenti*, Bur, Milão 2021, p. 78). Portanto, o Movimento e o seu crescimento são a obra que a Igreja entrega novamente nas nossas mãos, também neste momento.

Por isso, depois de termos concluído o retomar dos textos da Jornada de Início de Ano e continuando o trabalho sobre *Gerar rasto na história do mundo*, proponho que releiam, durante o mês de dezembro, a carta que *don* Giussani escreveu à Fraternidade em 22 de fevereiro de 2002, por ocasião do vigésimo aniversário do reconhecimento pontifício. Pode ser uma ajuda também nesta etapa.

A Igreja convida-nos nos próximos meses a fazer um trabalho «entregue à intercessão especial do Servo de Deus *don* Luigi Giussani», como me escreveu o Prefeito na carta com que me confirmou no cargo. O momento que estamos a viver, continua o Cardeal Farrel, «exige um trabalho inspirado na oração, na reflexão e na partilha nos diversos níveis do Movimento». Portanto, peço-vos que dediquem um momento do dia para rezarem, individualmente ou com outros, o *Angelus* e o *Hino à Virgem* de Dante (muito caro ao nosso fundador), pedindo que este tempo seja útil para iluminar um caminho seguro diante de nós, que nos faça experimentar o abraço da Santa Madre Igreja, a fim de que amadureçam os frutos do nosso caminho no mundo para «a glória humana de Cristo».

Despedindo-me, gostaria de rezar convosco uma oração a São José; este é o ano especial dedicado a São José, de quem sou muito devoto, por isso queria acabar assim:

*Salve, guardião do Redentor
e esposo da Virgem Maria!
A vós, Deus confiou o seu Filho;
em vós, Maria depositou a sua confiança;
convosco, Cristo tornou-Se homem.*

*Ó Bem-aventurado José, mostrai-vos pai também para nós
e guiai-nos no caminho da vida.
Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem,
e defendei-nos de todo mal. Amém.*

(Francisco, Carta apostólica *Patris corde*, São João de Latrão, 8 de dezembro de 2020, Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria)

Veni Sancte Spiritus